

LINGUÍSTICA E HISTÓRIA PENINSULAR

Márcia Gamboa¹

gamboa@uol.com.br

RESUMO: Este artigo tem por objetivo percorrer a obra de linguistas e estudiosos em geral, precursores dos estudos linguísticos na hispânia, mostrando um pouco do trabalho desses desbravadores da língua no que concerne a uma questão ainda hoje bastante polêmica: o embate entre as forças de diferenciação dialetal e a resistência da unidade linguística na região. Para viabilizar essa análise, focam-se especificamente os resultados do -n- intervocálico latino, ou seja, a nasalidade, elemento chave para se compreender as forças linguísticas subjacentes ora conservadoras ora inovadoras no território peninsular. A determinação das áreas fonéticas, com a repetição de coincidências, permite que se entrevejam algumas forças históricas, portanto, nessa perspectiva diacrônica, revela-se uma unidade linguística maior do que se supôs inicialmente.

PALAVRAS-CHAVE: linguistas; Península Ibérica; unidade.

INTRODUÇÃO

Quem percorre as obras dos linguistas e estudiosos em geral, responsáveis pela sistematização inicial e desvendamento de muitos problemas linguísticos na Península Ibérica, nota a recorrência de um tema polêmico ainda hoje alvo de debates e discussões: o embate entre as forças de diferenciação dialetal e a resistência da unidade linguística na região.

Para focar essa questão, este artigo se propõe a apresentar um pouco do trabalho desses desbravadores da língua, como Ramón Menéndez-Pidal e seus discípulos, tais como Lindley Cintra, Clarinda de Azevedo Maia, Garcia de Diego e tantos outros, lembrando um pouco de seus estudos no quadro linguístico peninsular.

A análise dos resultados do -n- intervocálico latino, isto é, da nasalidade, aponta para forças linguísticas subjacentes ora conservadoras ora inovadoras. E, como lembra García de Diego (1959), a determinação das áreas fonéticas, com a repetição de coincidências permitirá entrever uma comunidade que pode ser étnica, linguística ou simplesmente devido a alguma circunstância histórica. Como não seria possível abarcar a totalidade dos aspectos linguísticos

¹ FAM (Faculdade das Américas), São Paulo/ FIT (Faculdades Integradas Torricelli), Guarulhos, São Paulo.

sobre os quais se debruçaram os estudiosos em questão, optou-se assim por buscar um ponto específico de seus trabalhos: a relação entre os resultados gráficos do *n* latino e a nasalidade nos primeiros documentos das línguas peninsulares.

Menéndez-Pidal (1950; Tavani, 1968) ensinou que falar desse tempo recuado da formação da língua no território peninsular implica reconhecer que toda alteração fonética é fenômeno que se dá paulatinamente, através de muitas gerações consecutivas participantes da mesma ideia inovadora. As pequenas alterações introduzidas a cada geração e consolidadas nas gerações seguintes apresentam, como não se poderia deixar de supor, um período de luta com a tradição anterior e mais antiga. A fim de atingir o objetivo aqui proposto de percorrer as lições desses estudiosos do assunto, apresentam-se a seguir alguns resultados do -*n*-intervocálico na hispânia.

1. RESULTADOS DO -N- INTERVOCÁLICO NO LATIM PENINSULAR

Rastrear informações acerca do -*n*-intervocálico no próprio latim é um passo fundamental para que se possa observar o problema por uma óptica diacrônica com mais segurança. Ideal seria possuir informações suficientes para se avaliar as eventuais influências das línguas pré-latinas na língua do Lácio. No que diz respeito à fonética, Serafim da Silva Neto acredita na legitimidade de se aproximarem os dialetos latinos aos falares osco-úmbricos (Silva Neto, 1946). Mas, em relação ao -*n*-intervocálico especificamente consegue-se apenas constatar a sua presença nesses falares, sem, contudo, se poder suspeitar qual o seu devido valor fônico. Vejam-se alguns exemplos coligidos pelo Autor: em Lanuvium, a *bonum* correspondia *mane*, e, em Preneste *conea* a *ciconea* (Silva Neto, 1946: 46; 79); a redução do grupo *nd* que resultou *nn* duplicado no latim vulgar: *verecundia* > **verecunnia* > *vergonha* (port.; arcaico *vergonça*). Já Grandgent (1952), tendo por base o testemunho “*grundio* nom *grunnio*” do *Appendix Probi*, crê na possível influência do som geminado *nn* osco-úmbrico, no seu correspondente latino *nd*, mas somente como um fenômeno regional, sem mais ampla difusão.

Das transformações ocorridas no latim clássico, nenhuma se refere ao -*n*-intervocálico que, segundo Grandgent (1952), permaneceu inalterado.

Todavia, as inscrições encontradas em toda a Hispânia, do século I ao VIII - coligidas por Hubner no *Corpus Inscriptionum Latinarum* da Academia de Berlim (Silva Neto, 1946) - são importantes fontes de que dispõem pesquisadores para algo saber das alterações fonéticas sofridas pelo latim clássico, ao lado dos escritos de Plínio, Columella, Pomponius Mela e

Santo Isidoro que conservam vocábulos populares (Entwistle, 1936). São do século VI, das *Etimologias* de Santo Isidoro, bispo de Sevilha: *catenatum* > *candado*, *altenatus* > *alnado*, *capanna* > *cabana* (Entwistle, 1936: 52).

Vejam-se algumas teorias fonéticas relativas ao *-n-* intervocálico latino.

W. M. Lindsay (apud Jungemann, 1956: 193), após estudar os tratadistas latinos, afirma que o *-n-* intervocálico era articulado com a língua contra o palato, sem, no entanto, especificar qual região palatal. Mas grande parte dos pesquisadores e estudiosos da língua latina compartilha da hipótese de que o *-n-* intervocálico tinha pronúncia dental, como no francês (Bourciez, 1967). Grandgent (1952) admite, além da articulação dental, a alveolar (com o arqueamento da língua). Quando no grupo *gn*, a pronúncia do *n* era gutural: *signum* (Bourciez, 1967: 47); e quando no grupo medial *ns*, sua articulação era dental, porém bastante débil - logo sua tendência foi desaparecer - e, tinha, na verdade, a função de alongar a vogal precedente: *mensa*, *insula*, etc. (Bourciez, 1967: 47); o grupo *ny* intervocálico foi reduzido a *n*, por volta do fim do Império, devido ao fato de o *n* estar acompanhado de vogal palatalizável átona em hiato: *vinea* > *vina* (Bourciez, 1967: 50).

J. J. Nunes (1931) acredita que o *-n-* intervocálico já estava debilitado no latim, ou seja, que o fenômeno de nasalamento remonta ao próprio latim.

Georges Lote (apud Cunha, 1982) também tentou provar que a nasalização das vogais que precedem consoante nasal em posição implosiva é um fenômeno que ascende ao latim.

Carolina Michaelis (1956: 36) parece seguir a mesma doutrina, pois admite que as formas divergentes *macula*, *macla* e *mancla* já existiam no latim falado em Roma, com acepções de *mágoa*, *mancha* e *malha*. Observa ainda que o desenvolvimento dessa nasalidade não poderia ser um fenômeno românico, exclusivamente, caso contrário, a evolução dos referidos vocábulos seria outra. Lembra ainda a ilustre romanista das formas *matzana* > *matiana* (*maçã*), *muinto*, *mãe*, etc. do português como fenômenos análogos (Vasconcelos, 1956: 36).

Serafim da Silva Neto (1946: 209-211) compartilha da mesma opinião de Carolina e cita Sá Nogueira ao abordar o tema, trazendo diversos exemplos de vocábulos cuja nasalidade se desenvolvera no próprio latim: **mancula* (por *macula*) > *mancha*; **muncu* (por *muccu*) > *monco*; **fenunc'lu* (por *fenuc'lu*) > *funcho*; **crininc'la* (por *crinicula*) > *crencha*. Observa-se, no entanto, que todos os exemplos citados são formas hipotéticas. Além disso, algumas das formas que servem para fundamento de sua hipótese foram extraídas de documentos latino-

bárbaros (*minsa* em doc. de 907), cujas edições Silva Neto não menciona, mas esclarece que o maior número de casos data do romance.

Rodolfo Oroz, em carta endereçada a Serafim da Silva Neto (1946: 217), admite que grande parte das formas com *n* acrescido (como *minsa*) data do romance. Discorda, entretanto, de que estas provenham da contaminação de uma consoante bilabial; prefere explicar o fenômeno como devido à coincidência do ponto de articulação do *n* e das dentais e africadas.

A tendência para o fechamento dos hiatos parece ter se manifestado desde cedo (primeiro século da Era Cristã), na linguagem corrente, como provam exemplos diversos do *Appendix Probi*: *vinia* (“*Vinea* nom *vinia*”), *linia*, *lanei* (Silva Neto, 1946: 134; 180). Na maioria das vezes, percebe-se uma verdadeira repulsa ao hiato, que tende a desfazê-lo. Esse processo se inicia com o fechamento de uma das vogais, ou seja, a semiconsonantização da primeira vogal, que transforma o hiato em ditongo: *vinya*, *aranya*, etc. Importa para o estudo dos resultados do *-n-* intervocálico a questão da dissolução dos hiatos, porque: quando a consoante era *-n-* ou *-l-*, houve o molhamento e a conseqüente palatalização (*aranea* > *arania* > *aranya* > *aranha* (port.); quando não, o *y* desapareceu ou foi atraído para a sílaba anterior (*lancea* > *lancia* > *lancya* > *lança*) (Silva Neto, 1946: 134-5); e porque a semivogal dos ditongos impedia a síncope do *-n-* algumas vezes: *januariu* > *janeiro*, **ianuella* > *janela*. A palatalização de *ny* deu-se por volta de terceiro século d.C. (final do Império) (Silva Neto, 1946: 135).

A síncope do *-n-* intervocálico deu-se por volta do século XI (Silva Neto, 1946). Na verdade, o que ocorreu foi a dissolução desse *-n-* em ressonância nasal, que ora produziu um novo fonema (com a palatalização) ora desapareceu, como ficou dito acima.

O fato é que o latim trazido à Península, a partir do século II a.C., por soldados, colonos, comerciantes e magistrados, sofreu natural alteração na boca dos indígenas e foi *pari-passu* alterando-se e adaptando-se a outros costumes fônicos (Vasconcelos, 1956).

Do século IX ao XII, há documentos em latim bárbaro, em que transparecem palavras portuguesas pela sua formação: *conelium* (*côelho*) (Vasconcelos, 1956: 23).

2. A NASALIDADE NA LÍNGUA PORTUGUESA

A par das vogais orais deve-se também considerar as vogais que se acompanham de ressonância nasal (*lã*, *bem*, etc.). Estas, a despeito do que pode sugerir a ortografia, fazem-se acompanhar de consoante nasal (Câmara Jr., 1953). Gonçalves Viana (apud Câmara Jr, 1953)

admite que, em sílaba medial ou inicial, diante de consoante plosiva na sílaba imediata, há uma ligeira consoante nasal de travamento, no português. Nobiling admite, genericamente, a existência de consoante nasal diante de qualquer consoante (apud Câmara Jr., 1953), no que se refere ao português. Trata-se, segundo Mattoso Câmara, de um som de transição; posicionamento idêntico é adotado por Leif Sletsjoe (1959).

Sletsjoe (1959) lembra que não se pode considerar que a perda do *-n-* em português possa ser definida com um simples “sincopa-se”, pois se deve considerar um processo, do qual a ressonância nasal é uma etapa intermediária. Considera Sletsjoe (1959) a exemplificação de Nunes bastante clara: *lana* > **lãn-a* > **lã-a* > *lã*. Sletsjoe cita Williams ao mencionar o fato de serem encontrados vocábulos em diferentes estágios de desenvolvimento na língua - alguns vocábulos em que se deu a perda total da nasalidade; outros em que permanece a ressonância nasal; e muitos em que o *-n-* se conserva. Esses diferentes estágios se devem às diversas naturezas de combinações da vogal, à posição do acento e da consoante que segue a segunda vogal (Sletsjoe, 1959). Todavia, é ao estudo de Entwistle (1936) que Sletsjoe (1959) afirma que se deve dedicar especial atenção. Entwistle defende a doutrina de que o processo de desnasalização não está ainda encerrado. Observa esse Autor que as vogais nasalizadas pela queda do *-n-*, por volta do séc. XVI, são grafadas em duplicata, embora nem toda grafia de vogal dupla indique nasalidade, algumas vezes somente permaneceram algum tempo, por tradição (mesmo depois da contração na pronúncia) depois da queda de uma consoante intervocálica: *populum* > *poboo*, *manu* > *maão* (Williams, 1975). Tal fato sugere que, por algum tempo após a queda do *-n-*, essas vogais eram reconhecidamente mais longas. Acredita o Autor que se trata de um único processo de desnasalização, pois a ressonância nasal deixada na vogal pela queda do *-n-* seria somente um estágio intermediário, que culminaria em posterior perda da total nasalidade do vocábulo: “Essentially the whole process is one of denasalization. First, the nasal consonant was replaced by a nasal resonance in the vowel; then, in certain cases the nasal resonance itself disappeared” (Entwistle, 1936: 289). Alguns exemplos de casos em que a ressonância nasal desapareceu foram: **veniut* > *veio*; *olisipone* > *Lisboa*; *vena* > *veia*; *bona* > *boa* (Entwistle, 1936: 289). Assinala o Autor o fato de terem existido formas intermediárias desses mesmos vocábulos com ressonância nasal, como indicam as grafias do século XVI (*boã*, etc.).

Williams (1975: 81) resume esse processo da seguinte forma: a) quando ambas as vogais eram semelhantes e a primeira tônica, e a segunda final, a ressonância nasal se mantinha e as vogais se contraíam: *bonum* > *bõo* > *bom*; *lanam* > *lãa* > *lã*; b) quando a

primeira vogal era tônica nos pares *a-o*, *o-e*, *a-e*, a ressonância nasal permanecia e essas combinações vocálicas se tornaram depois ditongos nasais: *germanum* > *irmão*; *manum* > *mão*; c) quando a primeira vogal era *i* tônico e a segunda *a* ou *o*, uma nasal palatal se desenvolveu entre ambas e a ressonância nasal desapareceu: *uicinam* > *vizia* > *vizinha*; d) quando a primeira vogal era pretônica e a segunda era seguida por uma consoante dental, um *n* às vezes se desenvolveu entre a segunda vogal e a dental: *uenitis* > *veides* > *viides* > *vindes*, etc.; e) se uma vogal nasal contracta final, um ditongo nasal ou uma consoante nasal de qualquer espécie se desenvolvia, a ressonância nasal desaparecia: *arenam* > *area* > *area* > *areia*; *bonam* > *bõa* > *boa*. Observa Fredrick Jungemann (1956) que no português europeu as vogais que precedem *n* e *-n-* intervocálicos não são nasalizadas e sim fechadas. J. J. Nunes (1931: 36) lembra que às grafias *feestra*, *teevras*, etc, antecedem *feestra*, *teevras*, que, por sua vez, são precedidas por *fenestra*, *tenebras*, indicando a nasalização da vogal, antes da queda do *-n-*.

Todos esses estágios são sobejamente exemplificados na linguagem de alguns foros da antiga região de Riba-Coa, noroeste de Portugal. Em sua edição desses documentos do século XIII, o Prof. Lindley Cintra interpretou algumas dessas formas como análogas ao leonês, todavia, tanto os registros acima mencionados quanto os que se coligirão a seguir ao se apresentar os resultados do *n* na hispânia, ratificam aqueles encontrados nesses documentos. Além disso, como destacou Menéndez Pidal (1962: 30), “no hay nada que sea especial del leonés occidental, por exemplo, que no se halle también en otros dialectos”, ou seja, a solução de conservação do *-n-* intervocálico latino é comum também ao castelhano enquanto sua síncope é comum ao galego; além disso, a frequência de formas com *-n-* intervocálico conservado, na linguagem dos foros, é bastante baixa, se comparada à das formas oscilantes. Em segundo lugar, deve-se considerar que o caráter oscilante da linguagem de Castelo Rodrigo também se faz presente em documentos galegos e do noroeste de Portugal.

Por exemplo, as terminações latinas *-inu*, *-ina* têm sempre o *-n-* conservado: *camino*, *madrina*, *tocino*. Em alguns vocábulos, além das formas em que o *-n-* intervocálico se conserva, registram-se outras em que ora o til é sobreposto à vogal que o antecede ora ocorre a duplicação do *nn*: *galina*, *galinas*; *lino*, *lino*; *uizino*, *uezino*, *uicino*, *uizino*, *uizino*, *uincino*. Nas primeiras, não se pode deixar de ver o caráter conservador enquanto que na oscilação das segundas vê-se o desenrolar de um processo fonético. A despeito da conservação do *-n-* intervocálico, formas como *galina*, *lino*, *uizino* apresentam vogais contaminadas pela ressonância nasal daquela consoante - passo inicial do processo de molhamento que se instaurou nessas terminações quando o *i* era tônico, na língua portuguesa. Dessas formas, destacam-se ainda *uincino*, *uizino* em que a ressonância nasal foi transposta para a sílaba

anterior. Além de formas em que o *-n-* intervocálico precedido de *i* tônico é conservado, a linguagem de Castelo Rodrigo registra outras em que a conservação ocorre mesmo quando o *-n-* antecede *i* átono, como em *termino*.

Do grupo *-ny-* registram-se formas como: *estranio, engenio, montanero, montaneyro*, etc., em que se observa ora a conservação do *-n-* acompanhado do *i* (*engenio, cõpania*) ora a assimilação desse último (*linage, montanero, quínon*), quiçá por influência dos vocábulos castelhanos; mas nas formas *montaneyro, conpãnia* e *senor/sennor, bano/bãno*, a presença da nasalidade representada respectivamente pelo *y*, pelo *til* e pelo *-n-* parecem indicar o futuro desenvolvimento da palatalização.

Quanto ao grupo *-gn-* verificam-se as formas como: *sinal, sineyro; conoscir, conosca, cognosciren; cunados; penos, pennos, penos, epenar, enpennar*, revelando a predominância da simplificação de *-gn-* > *-n-* ao lado de formas em que o *-g-* desapareceu gerando a duplicação do *-n-* – talvez indicando a pronúncia palatal ou o início de seu desenvolvimento, pois um dos *n* pode sugerir o nasalamento da vogal contígua; é viável que *conoscir, conosca* sejam formas tomadas do castelhano.

O grupo *-mn-* surgido após a simplificação tem os seguintes resultados na linguagem de Castelo Rodrigo: *danare; don, dõ, dono, dõno*. Constata-se a assimilação do *m*, e o *-n-* resultante ora conserva-se ora nasaliza a vogal precedente (indicada pelo *til* ou por um *n* nas formas em que se deu a sua duplicação), sincopando-se ou não.

A evolução das geminadas latinas *-nn-* está representada na linguagem de Castelo Rodrigo por formas como *apanar, apanada, cabana, cabãna*. A simplificação do grupo *-nn-* a *-n-* e sua posterior síncope em *pea* indicam um tratamento nitidamente português, já que o leonês e o castelhano o palatalizam. Deve-se observar que o *nh*, como representação gráfica do fonema palatal, está ausente também de outros documentos do cartório da Beira, como notou Pedro de Azevedo (1902).

As terminações latinas *-ana, -ano* estão representadas por resultados em que se verifica a oscilação entre a conservação do *-n-* e sua síncope (ocorrendo, nesse caso, a transmissão da nasalidade para a vogal em contato, indicada pelo *til*). Este último resultado é claramente predominante: *germanas, germãidat, germãidade, hermião; orfana (o), orphão, aldeana, aldeão*. Alguns vocábulos, no entanto, oferecem registro somente de formas com a conservação do *-n-* *christiano (a), ortolano, pano, ruano, sano (a), sanare, grana*. As formas *calãnas* e *manana/mãna* além de conservarem o *-n-* indicam a ressonância nasal por ele transmitida à vogal contígua, indicada pelo *til*. *Gauiã* é registro isolado de que se possui somente a forma com *til*.

Da terminação *-ani*, as formas *can, cã, cães, pan, pã* mostram a síncope do *-n-* e a ressonância nasal transposta à vogal contígua representada ora pelo *til* ora pelo *n*.

Da terminação latina *-one*, ocorrem resultados que mostram a oscilação entre a conservação e a síncope do *-n-* intervocálico, com a ressonância nasal transmitida para a vogal contígua, conforme indica o til: *diuisiones, donaciõ, criazõ, falcõ*, etc.

Desponta, dos dados acima, como característica predominante da linguagem dos foros de Castelo Rodrigo, a oscilação entre formas que conservam o *-n-* intervocálico, formas que, além de o conservarem, indicam a ressonância nasal por ele transmitida à vogal contígua (indicada quer pelo til quanto por um *n*) e formas, em número menos expressivo, que apresentam sua síncope (indicada pelo til).

Ao contrário do castelhano, a geminada latina *-nn-* não se palatalizou, no português, ocorrendo a simplificação a *-n-*: *damnu > dannu > dano* (Entwistle, 1936: 285), conservando este último a provável pronúncia dental do latim.

Por todos esses motivos, Sletsjoe (1959) conclui que, se por um lado é bastante provável que a perda da nasalidade comece nas posições átonas, ainda subsiste uma outra questão. Embora, do ponto de vista estritamente articulatório seja compreensível que uma vogal perca sua nasalidade em sílaba átona, pois os efeitos da desnasalização se fazem marcar relativamente cedo nessa posição, como se processou a nasalização? Ou, melhor, o que é a nasalização e o que a motiva? A par das indagações de Sletsjoe talvez existam outras, como: a síncope do *-n-* intervocálico prepondera em sílaba átona final (*cana > cãa > cã*; *manu > mão*, etc.) ou os vocábulos paroxítonos, devido ao seu caráter popular, estiveram mais sujeitos às leis fonéticas?

Mattoso Câmara Jr. (1953) observa que a relutância em se reconhecer essa consoante nasal de travamento se deve ao fato de que o sentimento linguístico se fixou na nasalidade da vogal, passando despercebido o som de transição consonântico, desprovido de valor distintivo. Todavia, considera que a nasalidade pode ser considerada em si mesma como um fonema consonântico (vogal seguida de arquifonema nasal), desde que estabeleça o travamento da sílaba nos moldes de vogal mais consoante. O arquifonema nasal realiza-se, por sua vez, de acordo com o ambiente fonético, ou seja, de acordo com a consoante que se segue: sendo labial em *campo* e em *ua > uma*, dental em *lindo*, velar em *sangue*, palatal em *nio > ninho* (Câmara Jr., 1953: 96). Só diante de pausa o arquifonema parece se esvaír, realizando-se no seu traço acompanhante de nasalidade vocálica. Essa consonantização da ressonância nasal é encontrada também no galego (Maia, 1981).

Pesquisas no campo da fonética mostram que a nasalização da vogal em contato com consoante nasal heterossilábica não foi um fenômeno geral apenas no português antigo e médio, mas que sobrevive ainda na pronúncia normal de Portugal e do Brasil (Cunha, 1982).

3. A NASALIDADE EM ALGUNS DIALETOS E LÍNGUAS PENINSULARES

No galego, conforme observa Jungemann (1956), o *-n-* intervocálico desaparece, ocasionando a perda da nasalidade ou a consonantização desta com a transposição para a segunda vogal. A nasalidade fonológica - também denominada consonantização da ressonância nasal, segundo a denominação de Jungemann (1956) - é característica apenas de alguns dialetos galegos. Exemplificam a nasalidade perdida: *sonu* > *soo* (arc.); *planu* > *chão*; *homine* > *homee* > *home*.

São exemplos de *n* transposto, ou seja, vogal seguida de nasalidade velar: *benes* > *beens*; *venire* > *viinr* (ant); *ganatu* > *gando*. Muitas destas formas alternam com as formas sem *n*: *gando*=*gado*, *vinde*=*vide*, às vezes, num mesmo documento, segundo Garcia de Diego (1959).

Exemplos de fonemas palatais: a terminação *-ino*, *-ina*; *camío* (arc.) = *camiño*; *piño*; *liño*; *viño* (Garcia de Diego, 1959). A grafia dos sons palatais inicialmente era *nn*, mas evoluiu posteriormente para *ñ* (Entwistle, 1936). Ocorre no galego fenômeno análogo ao do português, no que se refere à evolução fonética do vocábulo latino *nidu* > **niō* > *niño*. Neste caso, se desenvolveu uma consoante palatal nasal atrás do *i* tônico, por influência da nasalidade do *n-* inicial e não por queda de *-n-* intervocálico. Nas terminações *-ones* *-anes*, em parte do território galego, após a queda do *-n-* intervocálico, as vogais contíguas também perdem a nasalidade, enquanto que, em outra parte do território galego, essas terminações evoluem para *-ons* *-ans*, respectivamente. Exemplos: *botoes*, *canoes*, *capellaes*, *caes*; ou *botons*, *canos*, *capellans*, *cans* (Jungemann, 1956).

Domingos Prieto Alonso (1986) depreende algumas regras fonológicas a partir do estudo de quatro dialetos galegos a que nomeia A, B, C, D: a regra da elisão precede a da nasalização de vogal, como indicam formas como *cans -o*. Prieto Alonso justifica a presença do *-n-* nesse dialeto como uma conservação da tendência geral do antigo dialeto galego-português, antes que o galego assumisse sua tendência à desnasalização (Prieto, 1986: 105). Se essa hipótese é correta, depois da redução de vogais em hiato (processo que antecede a desnasalização em galego) e antes da completa desnasalização, o galego deve ter apresentado formas como *irmao*, *irmá*, *cais*, geradas a partir das portuguesas por meio de desnasalização da vogal, segundo Prieto. Todavia, talvez seja preferível constatar apenas a analogia entre essas formas e as do português, pois parece improvável a incorporação de vocábulos portugueses por um dialeto do oeste da Galiza (segundo referências do próprio Autor). Talvez

fosse mais plausível a hipótese de conservação de uma forma galego-portuguesa, que sofreu, posteriormente, processo de desnasalização. Prieto situa a apócope do *e* final no século VIII, mas sobre a elisão do *-n-* intervocálico não levanta hipótese de datação.

Apesar do interesse da hipótese de Prieto, não parece acertado falar em nasalidade no caso da terminação *-ana*. Parece preferível explicá-la antes como uma vogal aberta seguida de nasalidade velar (muito comum em algumas localidades de Entre-Douro-e-Minho) (Maia, 1981: 75) e também no português atual (Câmara Jr., 1953: 96).

Já o castelhano conserva o *-n-*: *vicinu* > *vezino* (arc.) > *vecino* (mod.) (Entwistle, 1936: 89). Na fala de Granada, ocorre a nasalização de vogal com valor fonológico, a despeito de, em alguns vocábulos, a consoante nasal em final de sílaba se perder (Jungemann, 1956: 104). Alonso Zamora Vicente (1967) lembra que os foneticistas costumam desprezar a questão da nasalidade no castelhano como um todo, tendo em vista apenas o timbre oral do castelhano médio. Assim sendo, fica relegada a segundo plano a marcante nasalidade dos dialetos andaluzes, por exemplo. São exemplos: *virgen*, *cármenes* (Zamora Vicente, 1967: 324). As geminadas *-nn-* latinas eram pronunciadas em Castela, como ocorria na Catalunha, com forte tensão da língua contra a região palatal, provocando a palatalização deste grupo (Entwistle, 1936: 110; 285) Exemplo: *damnu* > *danno* > *dano* - todavia, só a partir do século XIII, adotou-se a grafia *ñ* para representação do som palatal (Entwistle, 1936).

O *-n-* intervocálico é, portanto, uma consoante sonora no castelhano médio (Garcia de Diego, 1961). Mas é importante esclarecer que o *n* é nasal, quando seguido de consoante, no castelhano médio. Garcia de Diego (1959: 38) descreve as diversas possibilidades de oclusão oral do *n* nasal sonoro: *n* velar antes de consoante velar (*manco*, *manga*, *monja*); um *n* pós-palatal antes de consoante pós-palatal (*tranquilo*); um *n* pré-palatal antes de consoante pré-palatal (*ancha*); um *n* dental antes de consoante dental (*manto*, *mundo*); um *n* labiodental antes de consoante labiodental (*ninfa*); e um *n* interdental antecedendo consoante interdental (*pinza*).

No asturiano, em muitos casos e regiões, a geminada *nn* latina dá *n*: *cabana*, *cana*, *enguanu* (ogano), *pano*, *pena*, como no português (Menéndez-Pidal, 1962: 86). Já o grupo *ny* palataliza-se: *araña*, *viñal*, *viña*; bem como o grupo *gn*: *señal*, *puno*, etc. (Menéndez-Pidal, 1962: 86). A manutenção do *-n-* ocorre em todo o asturiano de além-Navia. Exemplos: *farina*, *borona*, *rana*, *Bárcena del Monasterio* (topônimo) (Garcia de Diego, 1959: 153).

Já o leonês perde o *-n-* na zona ocidental. Exemplos de Bierzo (Picos de Ancares): *tonare* > *toar*, *rana* > *raa*. No alto Bierzo, ocorrem formas como *maniceu* > *mañizo* que fazem com que García de Diego suponha um anterior **maizo* com vogal nasal (Garcia de

Diego, 1959: 178). Na parte ocidental de Astorga, registra-se *femia*. Ressalta-se, todavia, que a toponímia oferece exemplos sem *-n-* em Villafranca del Bierzo: Moesteiros, Balboa, Quintela. Em leonês antigo, ocorriam conservação, assimilação ou perda da segunda consoante do grupo *m'n*: *nomine* > *nomne* ou *nomme*, *lumininaria* > *lumnera*; posteriormente o grupo *mn* reduziu-se a *m*: *nome*, no leonês ocidental e a *mbr* no leonês oriental: *dentamine* > *dentabre*. Contudo, Garcia de Diego (1959: 142) registra que também o leonês ocidental conheceu essa redução a *m*, segundo documentos antigos: *costume*, *ome* (Villafranca del Bierzo).

No noroeste de Leão, a terminação *-ino* se faz *-in*, como no asturiano em geral, mas, no plural, o *-o* final é restituído às formas: *molín*, *molinos*; *padrín*, *padrinos*. O mesmo não ocorre com os vocábulos dissílabos nos quais não há queda de *-o* final: *llinu*, *pinu*. Em Bierzo, encontram-se as formas: *remoín*, *remoiño*; *focín*; *camiño*. Em Babia e Laciana, alternam-se as formas: *padrín*, *padrino*; *vecín*, *vecino* (Zamora Vicente, 1967: 116). Em algumas localidades ocidentais, como Villapedre, Luarca, Pola de Allande e Besullo, com a perda de *-o* final, surgem as formas: *centeno* > *centén*; *planu* > *chen* (cheio) mas, *chanu* (chão) (Zamora Vicente, 1967: 117). É bastante irregular o delinear das zonas de ocorrência do fenômeno, segundo o Autor.

O leonês central conhece também a troca das terminações átonas *-as -ais -an* por *-es -eis -en*: *gallines*, *matrones*, etc. (Zamora Vicente, 1967: 116).

Resta observar ainda que, nas regiões limítrofes com o galego, há a queda do *-n-* intervocálico: *genuculu* > *siollo*, *sardía*, *lúa*, *boroa*, *ter*, *grao*; o fato se dá inclusive nas terminações *-ino -ina -ones*: *cancío*, *canzoes* (Zamora Vicente, 1967: 156)

O sudeste do reino leonês conhecia a palatalização da geminada *-nn-*: *pañu*, *penã*, *caña*, *añu*, etc. (Catalán, 1954:14-5;24).

Nota Menéndez-Pidal (1962: 86) que, no Mirandês, o *-n-* conserva-se como no leonês oriental em vocábulos como: *arena* > *arena*; *plenu* > *cheno*; *genuculu* > *sinollo*. Todavia, perde-se quando em sílaba final seguido de *e*, mas comunica sua nasalidade à vogal contígua: *pane* > *pã*; *bene* > *bie* (no plural, conserva-se o *-n-*: *panes*, *bienes*, com o suporte dado pelo *s* final). É característica deste dialeto encravado Entre-Douro-e-Minho a palatalização da geminada latina *nn*, ex.: *caña*, *lliña*, etc.

No basco, embora fragmentado em muitos dialetos (vizcaíno, guipuzcoano, alto navarro meridional, alto navarro setentrional, labortano, baixo navarro ocidental, baixo navarro oriental e suletino), o tratamento mais comum para o *-n-*, é a sua síncope (Tavani, 1968: 30-1; Jungemann, 1956: 40). Exemplos: *spina* > *espía*; *arena* > *area*; *vanu* > *bao*. Nos

vocábulos formados com sufixo *-ne*, em geral, ocorre a perda do *-n-*, todavia, esta pode se alternar com a conservação: *ratione* > *arraizoi*, *arrazoini*. Com as terminações *-ino*, *-ina*, ocorre a palatalização: *linu* > *liho* > *liño*. Como no galego, muitas vezes, a perda do *-n-* não significa a perda da nasalidade, isto é: em muitas formas em que há oscilação entre a perda ou não do *-n-* a língua acaba por restaurar um *n* posposto: *manica* > *maunga* > *mainka*; *villanu* > *billaun* (Garcia de Diego, 1959: 204).

O basco, a despeito de ser uma das línguas que mais conserva o sistema fônico latino, é caracterizada outras vezes por uma troca de fonemas, que chega a ser desconcertante, segundo Garcia de Diego (1959: 209): *n* > *m* : *cuna* > *kuma*, *genista* > *tsimizta*; *n* > *l*: *inguine* > *inguilá*. Na verdade, essas soluções para o *-n-* intervocálico latino nunca ocorrem todas em um mesmo dialeto, como observou Meyer-Lübcke (1924 apud Jungemann, 1956).

O *-h-*, que muitas vezes é encontrado em substituição ao *-n-* que se sincopou, foi interpretado por diversos pesquisadores como uma substituição de fonemas. Jungemann (1956: 194), no entanto, afirma ter este *h* somente função “antiática”, quando a segunda vogal é tônica, nos vocábulos romances: **anate* > *ahate*, *denariu* > *diharu e diru*, *honore* > *ohor*, etc. Ao contrário do que expressa o vocábulo “antiático”, parece que o *h* está, na verdade, reforçando o hiato. O basco é língua em que a queda do *-n-* se deu em tempos recuados. Assim, o recurso da substituição do *-n-* pelo *-h-* talvez tenha sido uma forma de conservar o hiato e provavelmente impedir a crase ou a nasalização da vogal.

No aragonês, o *-n-* conserva-se. Exemplos: *luna*, *Planillo* (topônimo) (Garcia de Diego, 1959: 241). No aragonês antigo, conservava-se o grupo *m'n*: *femina* > *femna*, *homine* > *homne* (Garcia de Diego, 1959: 250). A geminada *-nn-* simplifica-se em *-n-* (Catalán, 1954: 13). Quando com iode, ocorre a palatalização: *viña* ou com a grafia *ny*. Todavia, na povoação de Bielsa a geminada *nn* se conserva: *penna*, *cabanna*, *ninno* (Catalán, 1954: 13) o que faz com que Menéndez-Pidal suponha que a área da geminada *nn* teve articulação cacuminal, como no sul da Itália. Mas no Alto Aragonês, o *-n-* se perde. Exemplos: *genuculu* > *sull*; *matrina* > *mairía* (madrinha); *die lunae* > *delús*; *fenestra* > *hiestra*. Nos vocábulos em que ocorreu a queda do *-o* final, o *-n-* se conservou: *granu* > *gran*, em oposição a *granariu* > *grae* (graneiro) (Garcia de Diego, 1959: 234).

Por sua vez, o navarro conserva o *-n-*: *tenido*, *gênero*, enquanto o catalão conserva o *-n-* em vocábulos como: *poenitere* > *penedirse*; *campana*; *avelana* > *(a)bellane*. No catalão, a geminada *-nn-* transforma-se em *ny*, que soa como a palatal *ñ*: *pinna* > *peya* = *peña* ou *penye* = *peñe*; *pannu* > *pany* = *pan* (Garcia de Diego, 1959: 271-3); *damnu* > *dany* (Entwistle, 1936: 285). Tal fato se deve à tendência do catalão, como do castelhano, em pronunciar o grupo

latino *-nn-* com tensão crescente da língua contra o palato. Mas na fronteira com o aragonês, ocorrem: *pan* > *an*. Perde-se *-n-* intervocálico secundário: *cane* > *ca*; *pinu* > *pi*; *linu* > *lli*; *plenu* > *ple*; *bonu* > *bo*; *manu* > *ma* (Entwistle, 1936: 89).

Pode-se verificar pelos exemplos acima que o catalão elimina toda a nasalidade nos vocábulos em que o *-n-* está em sílaba final, indo assim ao encontro de uma característica do Provençal. Todavia, tal fato ocorre somente no singular, pois, no plural, ao contrário do Provençal, o catalão restitui às formas o *n*: *bons*, *pans* (Entwistle, 1936: 90).

A articulação do *-n-* no catalão pode ser nasal áptico-dental, como em *vení* ou nasal lábio-alveolar, como em *án* (ano), *baña* (banhar) (Di Pietro, 1965: 156-7).

4. CONCLUSÕES

Acredita-se ser legítima a suposição de que os textos dos foros de Castelo Rodrigo exemplificam sobejamente esse entrechoque de forças inovadoras e conservadoras: eles mostram um retrato da língua em sua infância; não no mais tenro período, mas talvez naquele que se denomina adolescência, pois mostram uma língua em luta pela busca de sua consciência própria, a formação de seu caráter individual.

A análise comparativa efetuada visou aclarar a ideia de que cada palavra tem sua própria história (Silva Neto, 1946). Tanto nos foros de Castelo Rodrigo, quanto nos demais documentos analisados por Menéndez-Pidal e seus sucessores, pode-se perceber que a luta travada com as leis fonéticas é diversa para cada vocábulo, embora a força subjacente seja a mesma. Em diversos casos, é preciso lembrar que as leis fonéticas não se desenvolvem de modo rápido e simples. A história de cada região ajuda a compreender o fenômeno. Não se pode esquecer que à estrutura linguística corresponde a estrutura social (Meillet apud Silva Neto, 1946).

Enfocando o conjunto da Península Ibérica, nota-se que o fenômeno da nasalidade não é peculiaridade de apenas um texto de apenas uma região. E não poderia ser diferente, pois a teoria de Schmidt, do século retrasado, já esclarecera que fenômenos linguísticos propagam-se em ondas, desconhecendo limites de toda sorte (Silva Neto, 1946). A esse tipo de nasalidade costuma-se denominar de *nasalidade fonológica*, pois a perda da consoante que nasalizou uma vogal é sistemática (Jungemann, 1956).

A nasalidade vocálica com valor fonológico é característica também de alguns dialetos centrais e setentrionais da França. Na Gasconha, encontram-se vogais fortemente nasalizadas nas regiões centrais e meridionais (Jungemann, 1956). Na Itália, a nasalidade fonológica é

também característica dos dialetos do Piemonte, da Lombardia e de Gênova (Catalán, 1954), mas Meyer-Lübcke (apud Jungemann, 1956) acredita que também tenha existido nos dialetos provençais e nos reto-românicos ocidentais. Diego Catalán (1954), após estudar os resultados das geminadas *-ll-* e *-nn-*, chega à conclusão de que a região cantabro-pirenaica e a Gasconha mantêm estreita relação com os dialetos do sul da Itália.

Fredrick Jungemann, por sua vez, afirma que de modo algum a nasalidade com valor fonológico seria um fenômeno cuja aparição se restringiria apenas aos dialetos romances. Jungemann aceita a hipótese anteriormente lançada por Martinet (apud Jungemann, 1956), segundo a qual o fenômeno da nasalização estaria relacionado com o substrato celta (Silva Neto, 1970), como também acredita Schuchardt (apud Silva Neto, 1970) - ou talvez uma base céltica sobre outra ambroilírica. Baldinger (1963) e Sletsjoe (1959) compartilham a hipótese de que queda do *-n-* intervocálico se deve à conservação da vogal postônica, fenômeno este que, por sua vez, seria condicionado por um substrato celta ou a ele aparentado. Se não há provas que sustentem afirmações sobre as línguas de substrato, não se pode deixar de observar, no entanto, a coincidência entre a zona de ocupação de tribos celtas ou celticizadas no norte da Península e a atual região em que afloram focos linguísticos arcaizantes. Quiçá, os graus de conservadorismo das regiões do Norte estejam relacionados com a fragmentação das tribos castrejas, caracterizadas pelas diferentes gradações de incorporação da cultura céltica.

Todavia, alguns dados aduzidos do latim vulgar, bem como do latim falado pelo povo em Roma, levam a crer que o processo de nasalização, sem dúvida, já se iniciara no próprio latim e talvez tenha sua origem em falares pré-latinos, como o osco-úmbrico.

Bartoli (apud Silva Neto, 1946) definiu as seguintes relações cronológicas entre diferentes fases linguísticas: a área mais isolada é mais arcaica; as áreas laterais são mais arcaizantes do que a área central; a área maior é mais conservadora do que a menor; as províncias romanizadas mais tarde conservam, em geral, as formas latinas mais antigas. É sabido que todo o norte de Portugal, Minho e Galiza foram zonas de romanização tardia, devido principalmente à dificuldade de acesso à região montanhosa. Quanto à extensão das terras de romanização tardia, basta lembrar que ela abrangia toda a antiga província romana da *Galaecia*, que compreendia as terras do norte do Douro, Galiza, Minho, Trás-os-Montes, Astúrias e Leão (Silva Neto, 1970). Os indícios de identidade antropogeográfica de Galiza, Entre-Douro-e-Minho, Trás-os-Montes e parte das Beiras induzem à hipótese de os limites da *Galaecia* terem ultrapassado a linha do Douro, na faixa oriental, acompanhando a bacia do Coa. Além disso, é sabido que a administração romana respeitou as divisões tribais ou de etnias dos territórios conquistados. Todavia, é necessário admitir que é difícil coadunar a ideia

de a nasalidade se dever a forças de substrato, com o fato de haver indícios de sua presença no latim de Roma. Talvez se possa pensar em uma hipótese conciliadora: uma tendência nasalizadora do latim teria sido reforçada por uma língua de substrato. A hipótese é, sem dúvida audaciosa, mas explicaria por que a nasalidade embrionária da língua latina só se desenvolveu em algumas línguas românicas. Serafim da Silva Neto já lembrara que “O latim de toda a Hispânia [...] possui características comuns que decorrem da mesma ‘deriva’ linguística; a diversidade explica-se por substratos diferentes e vida circunscrita a limites muito antigos, tradicionalmente conservados” (Piel, 1947: 121).

É bom lembrar, com Menéndez Pidal (1950) e Serafim da Silva Neto (1970) que as relações culturais que determinam a difusão de um câmbio linguístico não se ajustam necessariamente aos limites políticos ou administrativos, mas podem sobrepujá-los ou manterem-se aquém deles. Não se pode esquecer que as fronteiras linguísticas estão diretamente relacionadas com a mobilidade social de cada região, ou seja, elas dependem do jogo de contatos e interações que se travam e persistem ou se deslocam de acordo com as afinidades (Silva Neto, 1970).

Nos textos medievais estudados por esses primeiros estudiosos da língua pensinular, “Lo dudoso e inconsistente de la grafia era seguramente debido, en parte, a lo imperfecto de la articulación [...]” (Grandgent, 1952: 194). Se a língua falada atravessa período de franca turbulência fonética, parece natural que a grafia reflita essa mesma oscilação. Assim, o período de definição do caráter individual de cada língua romance oscilou mais ou menos, de acordo com as facilidades ou dificuldades encontradas em cada região de um mesmo domínio linguístico. Assim, mesmo reconhecendo a inegável importância dos estudos comparativos das variedades linguísticas regionais, não será necessário buscar-se saber também em que se fundamenta essa unidade/diversidade? Algumas observações de estudiosos deixam entrever essa necessidade. Leite de Vasconcelos, ao estudar a linguagem de San Martín de Trevejo (Xalma) (Vasconcelos, 1928), já notara certa semelhança entre a linguagem daquela localidade e o galego, como demonstra esta afirmação:

Faltam-me elementos históricos para melhor fundamentar a minha opinião, mas alego a favor d’ela o chamar-se S. Martinho ainda, e não San Martín, o orago da paróquia: vestígio manifesto de antiga preponderância da língua portuguesa. – É verdade que quem diz português, diz mais ou menos galego (neste caso: galego antigo); mas a Galiza fica muito afastada, para que exercesse aqui influência” (Vasconcelos, 1928: 258).

Mesmo ao tratar das linguagens de Riodonor e Guadramil, não passou despercebido ao mestre Leite de Vasconcelos que tais linguagens devem ser vistas antes como “uma das fases do latim vulgar [...] - o que basta para o meu caso.” (Vasconcelos, 1929: 729) Maria J. de Moura Santos, ao discutir a afirmação de que o mirandês seja unicamente produto de colonização, também parece entrever a existência de raízes mais profundas para a identidade entre a extensa região do norte (*lato sensu*) de Portugal: “[...] parece mais exacto pensar que havia já uma pronunciada afinidade quando se efectuou essa importante colonização leonesa, que deve tê-la vindo acentuar” (Santos apud Matalobos, 1985: 206). Não cabem aqui maiores considerações sobre o assunto, mas é intrigante, por exemplo, que Leite de Vasconcelos após dedicar uma parcela significativa dos seus estudos aos falares mirandeses, reconheça que “a terra de Miranda teve já população em tempos pré-romanos e lusitano-romanos, segundo consta de muitos vestígios arqueológicos”, indicando a possibilidade dessa linguagem local ser fundada em raízes mais antigas do que se supõe (Vasconcelos, 1980: 179).

Com isso, conclui-se esta exposição acreditando que só se pode chegar a uma real interpretação de fatos linguísticos, aprendendo a ler todos os dados que fornece a história, pois “a língua é [...] apenas um emissário, [...] o verdadeiro emissor é a história” (Marquilhas, 1988: 65).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. AZEVEDO, Pedro. Documentos antigos da Beira. *Revista lusitana*, v. VII, 1902.
2. BALDINGER, Kurt. *La formación de los dominios lingüísticos en la Península Ibérica*. Versión esp. de Emilio Lledó y Montserrat Macau. Madrid, Gredos /1963/.
3. BOURCIEZ, Édouard. *Eléments de linguistique romane*. Paris: Éditions Klincksieck, 1967.
4. CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. *Para o estudo da fonêmica portuguesa*. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1953.
5. CATALÁN, Diego. Resultados apico-palatales y dorso-palatales de -LL-, -NN- y de LL- (<L-) NN- (<N-). *Revista de filología española*, t.XXXVIII, 1954.
6. CINTRA, Luis F. de L. *A linguagem dos foros de Castelo Rodrigo*. Seu confronto com a dos foros de Alfaiates, Castelo Bom, Castelo Melhor, Coria, Cáceres e Usagre. Contribuição para o estudo do leonês e do galego-português do século XIII. Edição fac-similada da primeira edição do Centro de Estudos Filológicos, 1959. (s/l) Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1984.

7. CUNHA, Celso Ferreira da. *Estudos de versificação portuguesa (séculos XIII a XVI)*. Paris: Calouste Gulbenkian/Centro Cultural Português, 1982.
8. ENTWISTLE, William J. *The spanish language*. London: Faber & Faber, 1936.
9. GAMILLSCHEG, E. Historia lingüística de los visigodos. *Revista de filología española*, t.XIX, 1932.
10. GARCIA DE DIEGO, V. *Manual de dialectología española*. Segunda ed. corregida y aumentada. Madrid: Cultura Hispanica, 1959.
11. GARCIA DE DIEGO, V. *Gramatica historica española*. Madrid: Gredos, 1961.
12. GRANDGENT, C. H. *Introduccion al latin vulgar*. Traducción del ingles, adicionada por el Autor, corregida y aumentada con notas, prologo y una antología por Francisco de B. Moll. 2 ed.. Madrid: Revista de Filología Española, 1952.
13. JUNGEMANN, Fredrick H. *La teoria del sustrato y los dialectos hispano-romances y gascones*. Versión española por D. Emilio Alarcos Llorach. Madrid: Gredos, /1956/.
14. MAIA, Clarinda de Azevedo. *História do galego-português*. Estado lingüístico da Galiza e do Noroeste de Portugal desde o século XIII ao século XVI (Com referência ao galego moderno). Coimbra: Instituto Nacional de Investigação Científica, 1987.
15. MAIA, Clarinda de Azevedo. Geografia dialectal e história do português. Resultados da terminação latina -ANA. *Biblos*, v.LVII, 1981.
16. MARQUILHAS, Rita. Percurso filológico. In: CASTRO, Ivo (org.). *Sete ensaios sobre a Obra de J. M. Piel*. Lisboa: Instituto de Linguística da Fac.de Letras, 1988.
17. MATALOBOS, Manel Celso. O mirandês e os demais romances peninsulares. *Grial*, v.88, t.XXIII, 1985.
18. MENÉNDEZ-PIDAL, Ramón. *Orígenes del español*. Estado lingüístico de la Península Ibérica hasta el siglo XI. 3 ed. muy corregida y adicionada. Madrid: Espasa-Calpe, 1950.
19. MENÉNDEZ-PIDAL, Ramón. *El idioma español en sus primeros tiempos*. Madrid: Espasa-Calpe, 1957.
20. MENÉNDEZ-PIDAL, Ramón. *Estudios de linguística*. (lãs leyes fonéticas, Menendus, el diccionario ideal, y otros). Madrid: Espasa-Calpe, 1961.
21. MENÉNDEZ-PIDAL, Ramón. *El dialecto leonés*. Prologo, notas y apendices de Carmen Bobes. Oviedo: Instituto de Estudios Asturianos, 1962.
22. NUNES, J. J. Nasalamento. *Revista de philologia e história*, v.I, 1931.
23. PIEL, Joseph M. Nomes de `possessores' latino-cristãos na toponímia asturo-galego-portuguesa. *Biblos*, v.XXIII, 1947.
24. DI PIETRO, R. J. Los fonemas del catalan. *Revista de filología española*, n.48, 1965.

25. PRIETO ALONSO, D. Fonologia e morfologia das formas dialectais em '-as' e '-ans'. *Grial*, v.91, t.XXIV, 1986.
26. SILVA NETO, Serafim da. *Fontes do latim vulgar* (O Appendix Probi). Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1946.
27. SILVA NETO, Serafim da. *História da língua portuguesa*. 2 ed. aumentada. Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1970.
28. SLETSJOE, Leif. *Le développement de l et n en ancien portugaise. Étude fondée sur les diplômes des Portugaliae Monumenta Historica*. Paris: Boyveau & Chevillet, 1959.
29. TAVANI, Giuseppe. *Preistoria e protostoria delle lingue ispaniche*. L'Aquila: Japadre Editore, 1968.
30. VASCONCELOS, Carolina Michaëlis de. *Lições de filologia portuguesa*. Seguidas das lições de português arcaico. Lisboa: *Revista de Portugal*, 1956/.
31. VASCONCELOS, José Leite de. *Lições de filologia portuguesa*. 2 ed. melhorada. Lisboa: Biblioteca Nacional, 1926.
32. VASCONCELOS, José Leite de. *Etnografia portuguesa*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, v.II e III, 1980.
33. VASCONCELOS, José Leite de. Palavras e frases de Melgaço. *Opúsculos*, v.II, 1928.
34. VASCONCELOS, José Leite de. Línguas raianas de Trás-os-Montes. *Opúsculos*, v.IV, 1929.
35. WILLIAMS, Edwin B. *Do latim ao português*. Trad. Antônio Houaiss. 5 ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1991.
36. ZAMORA VICENTE, Alonso. *Dialectología española*. Segunda ed. muy aumentada. Madrid: Gredos, 1967.

RESUMO: Este artigo tem por objetivo percorrer a obra de linguistas e estudiosos em geral, precursores dos estudos linguísticos na hispânia, mostrando um pouco do trabalho desses desbravadores da língua no que concerne a uma questão ainda hoje bastante polêmica: o embate entre as forças de diferenciação dialetal e a resistência da unidade linguística na região. Para viabilizar essa análise, focam-se especificamente os resultados do -n- intervocálico latino, ou seja, a nasalidade, elemento chave para se compreender as forças linguísticas subjacentes ora conservadoras ora inovadoras no território peninsular. A determinação das áreas fonéticas, com a repetição de coincidências, permite que se entrevejam algumas forças históricas, portanto, nessa perspectiva diacrônica, revela-se uma unidade linguística maior do que se supôs inicialmente.

PALAVRAS-CHAVE: linguistas; Península Ibérica; unidade.

ABSTRACT: This article has the objective to explore the works of linguists and specialists in general, who are pioneers of linguistic studies in Hispania, presenting part of their work with respect to a very controversial issue: the collision between the forces of dialectal differentiation and the resistance of the linguistic unit in the region. In order to make this analysis possible, the results of the Latin intervocalic "-n-" are specifically focused, that is, the nasality, a key element to comprehend the

subjacent linguistic forces sometimes conservative, sometimes innovative in the peninsular territory. The determination of the phonetic areas, with repetition of coincidences, allows the detection of some historical forces; therefore, in this diachronic perspective, a linguistic unit is revealed to be greater than what was initially supposed to be.

KEY-WORDS: Linguists; Iberian Peninsula; unit.

RESUMEN: Este artículo tiene por objetivo examinar la obra de lingüistas y estudiosos en general, precursores de los estudios lingüísticos en Hispania, mostrando un poco del trabajo de esos exploradores de la lengua en lo que tocante a una cuestión polémica hasta los días de hoy: el embate entre las fuerzas de diferenciación dialectal y la resistencia de la unidad lingüística en la región. Para viabilizar este análisis, se enfocan específicamente los resultados de la “n” intervocálica latina, o sea, la nasalidad –elemento clave para comprenderse las fuerzas lingüísticas subyacentes, sean éstas conservadoras o innovadoras en el territorio peninsular. La determinación de las áreas fonéticas, con la repetición de coincidencias, permite que se entrevean algunas fuerzas históricas; por lo tanto, en esta perspectiva diacrónica, se revela una unidad lingüística mayor de lo que se supuso inicialmente.

PALABRAS CLAVE: lingüistas; península Iberica; unidad.

Recebido no dia 05 de dezembro de 2009.

Artigo aceito para publicação no dia 26 de fevereiro de 2010.